


Jornal das comunidades de
Areal, Povoação e Regência
com a Fundação Renova
Novembro 2017 | Edição 1



VOZ DA FOZ



Quem tem direito a essa
tal de indenização?

pg.
8



A vida dentro de casa depois
que eles pararam de pescar

pg.
12



Moradores da Foz visitam
a região de Mariana

pg.
14

As muitas vozes da Foz

Em agosto passado, nascia este jornal, ainda sem nome. Trazia duas matérias: uma falando sobre a Fundação Renova e outra sobre a qualidade do pescado e da água do rio e do mar na região da Foz. De lá pra cá, a Renova reforçou a importância da participação das comunidades no jornal, convidando algumas pessoas para a oficina realizada em Regência, no dia 26 de agosto passado. Um total de 11 pessoas participaram e, desse encontro, nasceu o grupo de Comunicação do jornal. No dia 16 de setembro, em uma reunião que contou com a presença de cerca de 20 pessoas, foram definidas as matérias que fazem parte dessa edição. Em seguida, dois repórteres do jornal, acompanhados pela Julinha e pela Andrea, de Povoação, pelo Rômulo, de Areal, e pela diretora e professores da Escola de Regência, ouviram pessoas da comunidade para escrever os textos que podem ser lidos aqui. A maior parte das fotos é do Hyago, morador de Regência, que, com seu olhar crítico, ajudou a mostrar pessoas e locais que fazem parte da vida na Foz. O desejo de construir juntos um jornal que esclareça e responda os questionamentos importantes para os atingidos segue em frente. Para que isso aconteça, é preciso que todos nós falemos a mesma língua e que estejamos mais próximos. A ideia é construir juntos um jornal que seja um veículo de informação de verdade. Como isso é possível? Trazendo o que realmente interessa aos atingidos, sempre com o propósito de tratar seus problemas e insatisfações de maneira aberta, mas também de mostrar quanta coisa boa eles são capazes de fazer, mesmo diante das perdas. Até o momento, a Renova não tinha um jornal que falasse com os atingidos sobre nada disso. Ele chegou e ainda está começando. Mas é cheio de vontade e vai fazer seu destino, junto com todos os moradores da região.

Foto: Gustavo Baxter/NITRO



Expediente

Jornalista responsável:

Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG

Projeto Gráfico:

É Editora!

Reportagem

Júnia Carvalho & Leandro Bortot

Revisão:

Tucha

Direção de arte:

Humberto Guimarães

Fotografia

Hyago de Souza, Urbano Dávila

Gustavo baxter/ NITRO, Agência

Movimento Comunicação

As opiniões expressas nesse jornal, por parte de entrevistados e articulistas, não expressam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo de responsabilidade de seus autores.

Informativo publicado pela:

 **Fique por dentro!**

OUÇA UM BOM CONSELHO

Desde sempre, personagens da história buscaram conselhos para tomar decisões. Com a Renova não é diferente. O Conselho Consultivo é a voz da sociedade civil dentro da Fundação e existe para orientar os caminhos que ela deve seguir. Para isso, ele atua todo o tempo acompanhando, opinando e indicando soluções para planos, programas e projetos de recuperação do Rio Doce em Minas e no Espírito Santo.

A base do Conselho Consultivo está na experiência de seus 14 membros, indicados pelo Comitê Interfederativo (CIF), pelo Ministério Público, pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, pela Comissão Interministerial para Recursos do Mar, pelas instituições de ensino e pesquisa e pelas comunidades atingidas.

Os conselheiros fazem visitas de campo nos territórios, escutam críticas e expectativas das pessoas e levam recomendações para reuniões mensais com a Fundação. “Esses representantes moram e vivem em locais impactados - eles próprios são atingidos. Trazem uma visão permanente dos sentimentos e acontecimentos das comunidades e melhor perspectiva de diálogo direto com elas. Enriquecem as decisões que tomamos, trazendo maior legitimidade no que fazemos”, diz Claudio Boechat, coordenador do Conselho Consultivo.

Conheça aqui as pessoas da sua comunidade que participam:



Povoação

Andrea Aparecida Ferreira Anchieta representa a área produtiva no Espírito Santo. Ela leva para as reuniões mensais o que interessa aos comerciantes, às empresas pesqueiras e aos produtores rurais. “Já percebemos avanços, pois Povoação agora é considerada área comercial. Também conseguimos que muitos pescadores fossem reconhecidos para receberem o cartão”.

Outras conquistas foram o apoio a sete projetos sociais do balneário e o início dos cursos de qualificação gratuitos, em parceria com a Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes).



Regência

Com 90% dos votos, Élcio José Sousa de Oliveira, o **Zé de Sabino**, foi eleito representante dos pescadores de Regência. Seu papel é fazer a ponte entre eles e a Fundação Renova, estabelecendo uma conversa aberta. Sempre que volta das reuniões da Fundação ou do CIF, ele se encontra com os colegas, em reuniões com a comunidade, para repassar o que foi tratado. “Agora, o ponto primordial é o cartão-indenização. Precisamos estudar caso a caso o que os pescadores vão fazer com o dinheiro para que não gastem tudo de uma vez, sem planejamento, e tenham problemas no futuro”, comenta.



DIA DE FESTA EM POVOAÇÃO

Foto: Urbano Dávila



Ela voltou. A Festa do Robalo agitou de novo a comunidade de Povoação, em setembro. A programação repleta de shows culturais, como apresentações de dança, divulgou os costumes do distrito.

Segundo Andrea Aparecida Ferreira Anchieta, da Associação de Pescadores, a festa não aconteceu no ano passado por causa da troca da gestão municipal e da falta de apoiadores. “Este ano, mesmo com a proibição da pesca em função da qualidade do pescado após o rompimento da barragem, mantivemos a tradição de realizar a festa e oferecemos alternativas ao robalo”, afirma.

A festa foi intensamente divulgada nas redes sociais pelos moradores. Essa corrente positiva favoreceu a economia local e trouxe muitos visitantes ao balneário. “As pousadas ficaram cheias e alguns comerciantes tiveram de fechar mais cedo porque os produtos acabaram. A festa bateu recorde de público com 10 mil turistas, três vezes mais que na última edição, em 2015”, conta Andrea.

A moradora Julinenis Rodrigues Penha gostou da infraestrutura. “O espaço da área de eventos foi muito bem aproveitado e tinha policiamento e UTI móvel”, diz ela. No palco, as bandas locais se apresentaram com ritmos variados, atendendo a todos os gostos e gerando uma grande satisfação no público. A animação também invadiu as ruas do povoado com a Fanfarra, um minitrio elétrico lançado no verão passado, que arrastou a multidão em clima de carnaval fora de época.

A Festa do Robalo teve também apresentações de congo, rodas de capoeira, imagens projetadas da escolinha de futebol, além do desfile da Banda Marcial Olímpio Bezerra, homenageando o folclore e o pescador. “Foi bacana reunir todo mundo pra receber os visitantes que são frequentadores de Povoação e gostam daqui. Foi um momento de lazer e muita alegria”, comenta Julinenis.

Você sabia?

A Festa do Robalo tem esse nome porque os primeiros idealizadores faziam uma gincana da pesca esportiva. Quem pegasse mais robalo ganhava um prêmio. Com o passar do tempo, a competição saiu da programação oficial, mantendo o peixe apenas nos pratos típicos, como a moqueca e o robalo frito. Este ano, o ingrediente foi substituído por caldos, churrasquinhos, tortas, salgados e porções variadas.



VONTADE DE APRENDER

Caderno, lápis e borracha são materiais comuns na vida das crianças e dos adolescentes. Mas, em Povoação, eles fazem parte da rotina de adultos que ainda não completaram os estudos. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está de volta ao distrito desde agosto deste ano, por meio de uma parceria entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Linhares. Cerca de 20 alunos participam do primeiro segmento, da 1ª à 4ª série, no qual aprendem a ler, escrever, fazer contas e conhecer um pouco de ciências, história e geografia.

Michel Gomes Pedro é diretor da Escola Municipal Professora Urbana Penha Costa e diz que a retomada da EJA, paralisada desde 2014, é uma oportunidade para quem não estudou porque trabalhava ou ajudava em casa. “Grande parte da turma é formada por senhores e senhoras que estão com muita vontade de aprender”, diz.

É o caso de **Benedita Bento Rodrigues** e de **Ângela Gomes Rodrigues**. Conheça a história delas abaixo.

A EJA é uma metodologia de ensino diferente porque você estuda no seu ritmo e recebe orientações individuais. As aulas da 1ª à 4ª série acontecem de terça a quinta, no período noturno da Escola Municipal Professora Urbana Penha Costa. A coordenação pedagógica é da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora da Conceição. Nas segundas e sextas, os alunos estudam em casa. Cada série é feita em seis meses. Quem quiser participar, só precisa ter mais de 15 anos. É só chegar à escola e procurar a secretaria para mais informações.

Ah! E quem tinha de viajar até Linhares para estudar da 5ª à 8ª série e fazer o Ensino Médio vai poder assistir às aulas em Povoação. Está prevista a abertura de turmas para esses segmentos da EJA no início de 2018.



Foto: Agência Movimento Comunicação

A Ângela...

estudou até a 2ª série e voltou pra participar dos cursos de qualificação oferecidos pela Renova e pela Federação das Indústrias do Espírito Santo, que exigem escolaridade mínima. “Com estudo você consegue ver as coisas com outros olhos e tem mais força pra alcançar os objetivos”, ela diz.

E a Benedita...

participou do curso em 2014 e voltou para melhorar a escrita. “Eu leio direitinho, mas, na hora de escrever, as letras não estavam boas. Eu errava o ‘g’, trocava tudo”, diz a pescadora, que cuidava dos irmãos enquanto a mãe trabalhava. “Recomendo vir pra escola. A gente aprende mesmo”, completa.



INDENIZAÇÃO: PERGUNTA QUE A GENTE RESPONDE

Foto: Gustavo Baxter/ NITRO



Todo mundo quer saber a quantas anda a indenização na Foz. Quem cuida disso é o Programa de Indenização Mediada (PIM), cuja função é indenizar pessoas, famílias e comércios pelos danos causados com o rompimento de Fundão. No dia 23 de outubro, foi realizada uma reunião entre o Comitê Interfederativo (CIF) e a Fundação Renova para definir questões como a continuidade do auxílio-financeiro após a indenização e o pagamento de lucro cessante.

Toda pessoa considerada atingida direta pode participar do PIM sem pagar nada por isso. Qual o ganho? Ter profissionais independentes à frente das negociações, sem a burocracia, os custos e a demora de uma ação judicial. Se quiser, o atingido também pode ser acompanhado por um advogado ou defensor público. Mesmo quem tem processos na Justiça relacionados ao rompimento pode participar. Só que a pessoa precisa escolher: ou participa do PIM ou continua com sua ação judicial.

 **Fique por dentro!**

Quem tem direito à indenização?

O que determina se uma pessoa terá direito à indenização é ela ter sido considerada diretamente atingida pelo rompimento da barragem, sofrendo danos materiais ou no exercício de suas atividades econômicas ou produtivas. Diversos grupos são atendidos pelo PIM. Além de pescadores, existem agricultores, comerciantes ligados ao turismo, areeiros, dentre outros. Todo atingido que não puder retomar suas atividades econômicas originais ou iniciar outras atividades terá o tratamento definido pelo CIF.

Tenho de ser vinculado à colônia de pescadores para receber a indenização?

A vinculação à colônia, ou a associações de pescadores, ou a qualquer outra associação não é pré-requisito para ser atendido pelo PIM.

Qual será o valor da minha indenização?

O valor da indenização é calculado de acordo com as características de cada caso. Por exemplo, no caso de pescadores que optarem pelo enquadramento na Política de Indenização de Pesca, o valor será definido levando-se em conta o local em que a pessoa pescava (p. ex., pesca na região continental, pesca na foz ou pesca marinha), o equipamento que a pessoa utilizava (p. ex., pesca desembarcada, pesca em barco de motor de popa), o ofício que a pessoa exercia (p. ex., dono de embarcação ou tripulante de embarcação), entre outros aspectos.

A pessoa que não quiser ser enquadrada na Política de Indenização poderá apresentar documentos que comprovem sua renda e, dessa forma, sua proposta de indenização será calculada de acordo com os documentos apresentados.

O que será pago na minha indenização?

A composição da indenização da pessoa será definida conforme os tipos de danos observados em cada caso. Para os pescadores, por exemplo, serão pagos o dano moral, o dano material e o lucro cessante.

O que é o dano moral e como foi definido?

O pagamento do dano moral foi definido por meio do diálogo entre a Fundação Renova e a sociedade, no qual se constatou que determinados grupos de atingidos, em virtude do rompimento da barragem de Fundão, sofreram danos psicológicos, morais e intelectuais, seja por ofensa à sua honra, na sua privacidade, intimidade, imagem, no seu nome ou no próprio corpo físico.

O que é o dano material?

Dano material é o prejuízo financeiro sofrido pelo atingido que ocasionou a perda e a diminuição do seu patrimônio, podendo ser medido.

O valor correspondente ao dano material é calculado de acordo com as provas e documentos que são apresentados ao PIM.

E esse tal de lucro cessante?

O lucro cessante é o que o atingido deixou de ganhar. É a renda que era obtida por ele no exercício de atividade econômica e que foi total ou parcialmente interrompida em decorrência direta do rompimento da barragem de Fundão. Por exemplo, um pescador que semanalmente se deslocava até um ponto de pesca e, em seguida, vendia seu peixe, lucrava com essa atividade o valor recebido pela venda do produto, menos os custos da pesca. Se após o rompimento da barragem esse pescador não conseguiu mais pescar, então essa renda que ele ganhava “cessou”. Por isso, fala-se em lucro cessante.

Como o lucro cessante foi definido?

A avaliação de lucro cessante é feita de acordo com o grupo do qual o atingido faz parte. No caso de um comerciante do setor de turismo, por exemplo, o lucro cessante de seu comércio será apurado de acordo com as evidências e documentos apresentados ao PIM, atestando, portanto, a capacidade de faturamento do seu estabelecimento antes do rompimento da barragem, bem como os custos envolvidos na operação desse comércio.



E para a pesca, como os lucros cessantes foram definidos?

No caso de pescadores, foi identificado que é muito difícil encontrar na comunidade pesqueira pessoas que tenham provas documentais que possibilitassem a apuração de seu lucro, a exemplo das emissões de notas fiscais dos peixes vendidos ou mesmo declarações de Imposto de Renda.

Para viabilizar a indenização dessas pessoas, a Fundação Renova fez um grande estudo, que contou com a participação de técnicos, representantes de comunidades pesqueiras do Rio Doce e especialistas da Pesca para identificar com segurança quais eram os valores que os pescadores ganhavam. Esse estudo considerou diversos dados do mercado pesqueiro: as espécies de peixe, o esforço de pesca, os apetrechos utilizados e diversos outros fatores da pesca ao longo do Rio Doce, que permitiram a elaboração de propostas de indenização de lucros cessantes por grupos.

Quando vou receber minha indenização?

Depois da reunião entre o CIF e a Renova, ficou decidido que os danos morais e materiais, bem como o lucro cessante passado (aquele calculado desde a data do rompimento até a data do acordo de indenização), devem ser negociados e pagos juntos, em duas fases, de acordo com as seguintes datas:

Fase 1

Participam desta fase todos os atingidos cadastrados até março de 2017. De acordo com a deliberação do CIF, as negociações devem ser finalizadas até 28 de dezembro de 2017 e o pagamento, até 31 de março de 2018.



Fase 2

Participam desta fase todos os atingidos cadastrados até outubro de 2017. As negociações devem ser finalizadas até 31 de março de 2018 e o pagamento, até 29 de junho de 2018.

Já recebi a indenização. Tenho direito ao pagamento de lucro cessante?

Para os casos em que a indenização já foi realizada, os valores descontados no cálculo do lucro cessante, como o de auxílio-financeiro emergencial, serão devolvidos ao atingido. A Renova já está entrando em contato com essas pessoas e iniciando a devolução. No caso dos atingidos que, em razão do tipo de atividade econômica que desenvolviam, ainda não puderem retornar às suas atividades originais ou a outras atividades, haverá pagamento periódico dos lucros cessantes, a cada 12 meses, conforme resolução do CIF.

Já recebi a indenização. Vou perder o cartão de auxílio-financeiro emergencial?

O auxílio-financeiro emergencial continuará sendo pago enquanto o atingido não puder retornar às suas atividades produtivas e econômicas. Neste momento, os valores do auxílio-financeiro não serão descontados, deduzidos, abatidos ou compensados da indenização a ser paga pelo PIM. A única forma de interromper o auxílio-financeiro emergencial é por meio do restabelecimento das condições para o exercício das atividades econômicas originais ou, na hipótese de inviabilidade, pelo estabelecimento das condições para nova atividade produtiva em substituição a anterior.

Já recebi a indenização, mas não tenho o cartão de auxílio-financeiro emergencial. Como fico?

Caso o atingido faça um acordo de indenização e, em razão do tipo de atividade econômica que desenvolvia, ainda não possa retornar às suas atividades originais ou a outras atividades, o cartão-auxílio será emitido e ele passará a recebê-lo.

Eu vou receber o pagamento integral da minha indenização?

Apenas os valores referentes ao lucro cessante serão tributados pelo Imposto de Renda, de acordo com as regras e percentuais estabelecidos pela Receita Federal. Para os valores referentes a danos morais e materiais, não há cobrança de imposto.

Quanto tempo leva para eu receber a indenização?

A indenização é paga em até 90 dias. No entanto, a Fundação Renova vem se esforçando para antecipar esse prazo. O pagamento é depositado em conta bancária de mesma titularidade do atingido. O prazo começa a contar a partir da assinatura do acordo. Caso haja ação judicial, é preciso que elas estejam resolvidas.

Como faço para receber a indenização?

Para receber a indenização, é preciso ter preenchido o cadastro integrado e, com base nele, ser identificado como atingido direto. Se você não sabe que cadastro é esse, ligue para 0800 031 2303 e terá todas as informações de que precisa.

Se a pessoa for um atingido direto, a Renova vai marcar dia e hora para ele ir ao Centro de Indenização Mediada, em Linhares, a fim de verificar os dados do cadastro e os documentos do atingido, com a presença de mediadores independentes.

Com todos os documentos corretos, uma proposta de indenização será feita pela Fundação.



Se eu não quiser mais fazer acordo?

Se o atingido não concordar com a proposta da Renova, ele tem a liberdade de buscar a indenização por meio judicial.

Não fiz o acordo. Vou perder meu cartão auxílio-financeiro?

Se o atingido não tiver interesse em fazer o acordo, o recebimento do auxílio-financeiro emergencial continuará sendo pago até que ele possa retornar às suas atividades econômicas originais ou a outras atividades em substituição à anterior.

Estou com o formulário do cadastro em mãos e não recebi nenhum retorno. Como faço para saber se sou considerado atingido direto ou indireto?

Todas as pessoas que não forem identificadas pelo Programa de Cadastro como diretamente atingidas pelo rompimento da barragem serão devidamente comunicadas pela Fundação. A não participação no PIM não impede a pessoa de ser atendida por outros programas da Fundação e pelas medidas de reparações coletivas.

A deliberação do CIF disponibiliza assistência jurídica gratuita?

O atingido pode comparecer às reuniões do PIM com um advogado de sua confiança, sendo de sua responsabilidade o pagamento dos custos de contratação do profissional. O atingido também pode recorrer à Defensoria Pública, que presta assistência jurídica gratuita para as pessoas que se enquadrem em situação de vulnerabilidade, conforme critérios de cada Estado.



TEM FAMÍLIA DENTRO DE CASA

Há dois anos, a lama que veio de Minas chegou à Foz do Rio Doce e mudou o cotidiano das pessoas. Famílias de pescadores que tiravam o sustento do rio e do mar guardaram suas redes à espera de um recomeço. Quatro mulheres que dividiam uma rotina intensa entre a pesca e o cuidado com o lar contam como está a vida após o rompimento.

Foto: Hyago de Souza



Alda Ribeiro Lourenço Ivo é casada há 52 anos com o “Seu” Darci Ivo, e a vida do casal era jogar a rede no mar. Ela também gostava de pescar na praia com linha de pindaíba e levava a moqueca quase pronta pra casa. “Sempre tinha carne e frango nas refeições, mas a gente preferia peixe. Agora é tudo um sacrifício. Está todo mundo parado desde a tragédia”, conta. Hoje, Alda e o marido ficam em casa. Ela se distrai com crochê e ele faz tarrafa. Nem brigam muito, mas sentem tristeza. “O coração está meio abalado. O que a gente quer é voltar pra água”, revela.

Foi com muito peixe e pirão que **Darilha da Vitória Siqueira** criou os 14 filhos em Regência. Depois que o marido faleceu, há 15 anos, ela é que trazia o alimento pra dentro de casa. Mãe do pescador José Antônio Siqueira, Darilha diz que foi ele quem mais sentiu a proibição da pesca na família. “Quando a lama chegou, meu filho ficou com medo de passarmos aperto. Foi muito triste”, diz. Para ocupar o tempo e a mente, José começou a plantar e a cuidar de animais na sua roça em Entre Rios, mas Darilha nunca mais pescou ou voltou a comer peixe.



Foto: Hyago de Souza



Foto: Hyago de Souza



Às 4 horas, **Rosa Jesus Silva Alves** e o marido, Adevaldo Daniel Alves, já estavam trabalhando e só terminavam às 19 horas. Tinham peixaria em casa e vendiam os produtos em Linhares. Quando o Adevaldo parou de trabalhar, estressou. “A gente mantinha a casa e os filhos. De repente, acaba tudo, você começa a ter um patrão, o ritmo e o psicológico mudam”, diz Rosa. Para ela, é muito difícil o pescador suportar essas mudanças, por ter um espírito livre. “Muitos estão estressados, bebendo, usando drogas”, afirma.

Quando chegou a Povoação, há 16 anos, **Regina Barcelos** se impressionou com a fartura do rio. Mas a pescadora percebeu a água secando com o passar do tempo. Tudo ficou mais difícil depois do rompimento. A pescaria acabou e até o seu famoso peixe salgado não sai mais. O marido, Clemilson, que também pescava, tentou fazer artesanato. Logo desistiu da ideia, porque não havia tanta procura. “Ele acordava cedo e não sabia o que fazer. Começou a beber demais e a ficar triste. Eu consigo segurar a barra porque divido o tempo com meus filhos. Ele é calado, nem comigo ele fala. Mas espero que, antes de morrer, as coisas voltem a ser como antes”, diz Regina.



Foto: Hyago de Souza

Renova Esclarece

A Fundação Renova entende que é muito importante oferecer apoio e acolhimento às famílias atingidas na Foz do Rio Doce. Por isso, está identificando todos os que precisam de acompanhamento psicológico nas comunidades locais. A ideia é oferecer, em parceria com as prefeituras municipais, condições para as pessoas voltarem a se sentir bem e com o ambiente que as cerca. Esse é o primeiro passo para enfrentar momentos de dificuldade com força, confiança, determinação e alegria. As atividades serão realizadas a partir de janeiro de 2018.



PRA FAZER A DIFERENÇA

Antes ou depois da escola, a meninada de Regência costumava brincar no rio e no mar. Mesmo que, por enquanto, isso não seja mais possível, essa moçada está reinventando o jeito de se divertir na comunidade. Além de estudar, crianças e adolescentes participam de projetos sociais realizados por moradores voluntários do distrito. O objetivo é o bem-estar desses jovens para que eles se tornem pessoas melhores.

Segundo a diretora da Escola Estadual Regência Augusta, Carmen Gisele Martins da Silva, quem participa muda de comportamento e rende mais. “Os alunos aprendem sobre respeito, amizade, disciplina, cultura, meio ambiente e isso colabora muito para o desenvolvimento deles”, explica. Conheça agora 4 projetos que fazem a diferença na comunidade:

Foto: Hyago de Souza



Jiu-jitsu em Regência

Aulas: segunda, quarta e sexta, às 7 h e às 16 h, e às 19 h (turma noturna para adultos).

Local: Centro Ecológico.

Tem jiu-jitsu em Regência? Tem sim! Dois amantes do esporte, Lucas Bragança Gomes, faixa roxa, e Pedro Henrique Bisi Pallaoro, faixa marrom, trouxeram a luta para cerca de 50 crianças e adolescentes da vila. No tatame emprestado de um amigo, os professores ensinam meninos e meninas de 8 a 17 anos a praticar golpes, mas também a ter respeito, disciplina e seriedade. Em setembro, com pouco mais de 30 dias de treino, nove lutadores participaram de um campeonato e sete voltaram com medalhas no peito - uma de ouro, duas de prata e quatro de bronze. “Eles ficaram muito felizes e querem competir mais. Os dois que não medalharam fizeram lutas emocionantes, perceberam onde erraram e vão treinar duro por uma vitória na próxima”, diz Lucas, criador do projeto. Ele afirma que o jiu-jitsu é muito importante na sua vida. “Eu criei o projeto por dívida, pois esse esporte curou minha depressão. Então quis trazer o jiu-jitsu pro lugar onde nasci e que me deu muita coisa boa. É um jeito de ajudar as crianças para que elas conquistem um futuro, se não no tatame, na vida”.

Canoa Havaiana

Aulas: de 15 em 15 dias, de terça a sexta, às 9 h e às 14 h.

Local: Porto.

Quando a garotada da futura geração Caboclo Bernardo sobe no barco, ela começa uma aventura de muito conhecimento. No Canoa Havaiana, projeto realizado pelo CPP Extreme (sem nenhum apoio), desde 2016, cerca de 30 crianças aprendem a remar. Mas não é só isso. Em cada aula, seis remadores precisam trabalhar em equipe para superar desafios. “Se um não rema, sobrecarrega os demais. Trabalhamos disciplina, coletividade e sintonia com o outro e com o meio ambiente”, diz a voluntária Dayana Gualberto Casagrande. O grupo tem até nome: Caboclos para o Planeta. E a ideia é essa mesmo. Tornar esses meninos e meninas cidadãos mais comprometidos com o mundo e, quem sabe, até ajudá-los a serem atletas desse esporte pra lá de especial.



Foto: Hyago de Souza



Escolinha de Futebol

Aulas da Categoria Sub-11: terça e quinta, às 9 h.

Aulas da Categorias Sub-13 e Sub-15: terça e quinta, às 15h30.

Local: Campo.

Adeilson dos Santos Carlos, o Tutu, é conhecido como um dos melhores camisas 10 do Regência Futebol Clube. Desde 2013, ele dedica parte do seu tempo pra ensinar o que sabe na vila. No começo, os treinos eram numa quadra, mas os alunos aumentaram tanto que as atividades tiveram de se mudar pro campo. No gramado, não tem indisciplina. Nem em casa. As mães comemoram que os meninos chegam do campo diferentes. “Aqui a gente joga duro. A cobrança é grande, mas aprender a ter respeito com as pessoas é o mais importante”, diz o treinador. Para ser craque na bola, tem de ser craque na escola também. Os jogadores têm de marcar um goloço em sala e não faltar às aulas. Como resultado, dois alunos da Categoria Sub-11 vão disputar a Copa Gazetinha, a maior competição de base do Espírito Santo. O time do Sub-15 também se qualificou no Campeonato Municipal das Escolinhas de Futebol de Linhares. “Os olheiros sempre participaram desses eventos e isso pode abrir portas”, afirma Tutu.



Foto: Hyago de Souza

Foto: Hyago de Souza



Congo-Mirim

Ensaios: segunda e sexta, às 18 h.

Local: na Casa do Congo.

É no som do tambor e da casaca que 15 jovens de 8 a 16 anos mantêm viva a tradição do Congo, importante manifestação cultural de Regência. O grupo Congo-Mirim foi criado na década de 80 pelo Mestre Sabino Bispo, que deixou a cargo de dona Mariquinha a continuação do projeto até o início dos anos 2000. A escola estadual retomou o trabalho em 2009, quando a diretora Maria da Glória percebeu que o Congo estava envelhecendo e os jovens não ocupavam esses espaços. O projeto deu tão certo que ganhou a comunidade. Hoje, a coordenação é de Luciana Souza de Oliveira e de Maria Aparecida de Souza e quem ensaia com os conguistas é o “Seu” Grimaldo Firmino, que também é Capitão do Congo adulto. Eles tocam, dançam e cantam cantigas sobre os moradores da vila, a natureza, a pesca e o Caboclo Bernardo. Para Fabio França Rodrigues, de 14 anos, e conguista há dois no projeto, o Congo-Mirim é divertido. “Gosto das músicas. A minha preferida é a do Caboclo Bernardo, que é assim: Caboclo Bernardo se jogou no mar / 128 Bernardo fez salvar”. Além dos ensaios, o grupo se apresenta nas principais festas típicas de Regência e recebe convites para outras cidades e estados. A agenda dos próximos meses já está lotada. Isso, sim, é sucesso!

*Os projetos sociais divulgados nessa matéria **não** são patrocinados pela Fundação Renova.



UMA HISTÓRIA DOS BOTOCUDOS

Depois de iniciar uma pesquisa, em conjunto com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), para resgatar suas origens como índios **botocudos***, a comunidade de Areal está otimista com a possibilidade de realizar o processo de demarcação de terras indígenas como a primeira aldeia de Linhares.

A UFES elaborou um estudo sobre o território, baseando-se na história da região e nos conhecimentos dos moradores mais velhos. Nesse trabalho, foram identificados locais ocupados pelos índios e que haviam se perdido, como o cemitério, as áreas de cultivo, de banho e de queima de cerâmica, onde encontraram peças enterradas. “Em outubro, o resultado da pesquisa foi entregue à comunidade e será o ponto de partida para a demarcação das terras, que é feita pela Fundação Nacional do Índio (Funai)”, afirma Simone Raquel Batista Ferreira, doutora em Geografia e professora da UFES.

Um pouco de história

Em 1930, os irmãos José Talma Barcelos e Manoel Pinto Barcelos chegaram de São Mateus a uma terra próxima do rio e boa para plantar. Junto estava Maria, legítima botocuda, com quem Talma era casado. Nesse lugar, eles construíram casas de pau a pique, estuque barreado e chão batido, formando a comunidade de Areal.

O futuro cacique da tribo, José Sousa Barcelos, um dos dez filhos de Maria e Talma, diz que as tradições de seus ancestrais foram se perdendo com o tempo. “Mas ainda vivemos do rio e da agricultura e mantivemos, por exemplo, o cultivo de urucum para produzir tintas e corante de alimentos”, explica Barcelos.



O futuro cacique Barcelos e Rômulo, seu sobrinho, estão resgatando a história de Areal.

Foto: Hyago de Souza

Trabalho em conjunto

Há cinco anos, foi criada a Associação de Moradores de Areal – Regência (AMAR), que viu a possibilidade de resgatar raízes locais e buscar o reconhecimento dos órgãos públicos de que ali foi terra de botocudos após conhecer a experiência de aldeias vizinhas, como a de Comboios.

Segundo Rômulo Barcelos, da AMAR, o reconhecimento indígena da Funai pode beneficiar Areal com políticas específicas, incentivos fiscais e repasse de recursos federais. “Isso é uma possibilidade de ter de volta nossos direitos sobre a terra, mudar a realidade de pobreza cultural e garantir recursos básicos, como educação e saúde, para termos uma vida mais digna”, afirma.

Renova Esclarece

Essa reportagem foi sugerida pelo grupo de comunicação, formado por moradores de Regência, Povoação e Areal. A Renova esclarece que o reconhecimento de povos tradicionais, como é o caso dos botocudos, é conduzido pelo Poder Público, em parceria com órgãos específicos, a exemplo da Fundação Nacional do Índio (Funai), não cabendo a ela emitir qualquer parecer sobre o assunto.

***Os botocudos eram guerreiros ferozes**, conhecidos por sua forte resistência à invasão dos brancos. Tanto que o primeiro povoado de Linhares foi destruído por eles em torno de 1800. Sua característica marcante era o uso do batoque – uma rodela de madeira branca e seca – nos lábios e nas orelhas, um visual intimidador para os colonizadores.

Como somos

Foto: Hyago de Souza



HORA DO CONGO

Dona Conceição Costa nasceu no Rio Bananal do Norte, em Linhares, mas mora na vila de Regência há 30 anos. Está envolvida na organização das festividades do Congo ali há tanto tempo que nem se lembra mais. Mas conta que a celebração é tão antiga que até o Caboclo Bernardo já brincou nos festejos. E é mesmo! A manifestação de dança, música e folclore foi trazida para o Brasil pelos escravos africanos ainda no período colonial. No caso de Regência, os santos homenageados são três: São Sebastião, São Benedito e Santa Catarina.

O uso de tambores em tamanhos variados, com roupas típicas e muitas cantigas, faz parte dos festejos. Em Regência, “Seu” Grimaldo Firmino é o capitão do Congo, pois recebeu o cargo do “Seu” Darci Ivo. “A gente não pode perder o ritmo”, explica “Seu” Grimaldo. “Eu mesmo componho as cantigas”.

Tudo começa no dia 9 de novembro, dia de São Benedito, quando os moradores fazem a fincada do mastro. “Na noite anterior, o mastro é escondido no mato”, conta Dona Conceição. “No dia seguinte, a gente faz uma procissão e o povo sai atrás dele para levá-lo pra igreja”. Enquanto isso, eles cantam: *Ô, cadê nosso mastro / Ó ele aqui / Que pau é esse? / É guarani.*

Durante 15 dias, a procissão pede doação de porta em porta, benzendo as casas. No dia da fincada tem almoço gratuito pra comunidade. “Todo mundo ajuda a levantar o mastro, enquanto a roda do Congo vai tocando e cantando”, conta ela. No dia 20 de janeiro, vem a derrubada do mastro, seguida da procissão. E eles continuam a cantar: *São Benedito / Ele é nosso padroeiro / São Benedito / Festeja-se o ano inteiro / Quem for devoto / Venha cá nos dar a mão / São Benedito / Ela é nossa salvação.*

Foto: Hyago de Souza



HORA DA FOLIA

Arildo Anchieta veio pequeno pra Povoação. Comandou a brincadeira na Folia de Reis por muito, muito tempo. Mas agora está aposentado e só sai pra brincar. O novo mestre é o Rafael, neto da dona Argentina Barbosa de Sena. É ela quem faz as fantasias e chapéus dos marujos. “Ele sonha com as marchas, acorda e escreve as canções”, conta dona Argentina. E a festa que homenageia os reis magos - Baltasar, Belchior e Gaspar -, que saíram em busca do Menino Jesus, ganha novas canções a cada ano.

A comemoração começa no dia 3 de janeiro, na igreja de São Benedito, em Povoação, e vai até 6 de fevereiro, dia de São Brás, quando se encerram as festividades. “Vivemos de doação”, diz Claudionor Soares, presidente da Associação Cultural e Folclórica de Povoação, que cuida da realização da festa.

Os ensaios se iniciam na primeira semana de novembro e terminam no dia 20 de dezembro, perto do Natal. “No dia 3 de janeiro está todo mundo preparado”, diz Arildo. “Saímos da igreja e vamos cantando de porta em porta até o dono abrir e nos dar alguma coisa”. Durante a Folia de Reis é possível trombar na rua com o Vaqueiro, com o Boi e os Cachorros, além do Tapa-Tapa, do Serrote, do Cunhado, do Sapo e do Gorila. Mas cuidado! Se a música acelerar, é bom correr. Senão... O bicho vai pegar!

UMA VISTA DE MARIANA...

No final de agosto, 13 moradores de Regência, Povoação e Areal foram a Mariana e Barra Longa para conhecer os primeiros territórios atingidos após o rompimento da barragem de Fundão. Lá eles visitaram Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e as barragens, além de conversar com profissionais que trabalham nas estruturas de contenção e tirar fotos. Saiba o que eles sentiram depois dessa vivência:

“As pessoas não imaginam o que é aquilo. Eu voltaria mil vezes, se necessário, e a cada visita eu teria um olhar diferente. O maior sofrimento foi lá. Não tem como não se emocionar. Eu queria que todos pudessem vivenciar isso”.

Drielle Sousa Costa – Regência / Foto 1: “O impacto emocional”

“Minha percepção do que aconteceu e do que pode acontecer mudou muito. O negócio é mais grave do que foi divulgado. Não tenho perspectiva de que isso vai acabar. E sinto que tudo o que aconteceu está sendo omitido. Estamos chegando no período das cheias e há risco do rompimento da barragem de Germano. Conversamos com algumas pessoas e elas não estão saindo de seus lares por livre vontade. É como se estivessem sendo expulsas. Tinha a expectativa de vir para Povoação com 50 anos de idade e consegui adiantar 10 anos esse plano. Agora, eu não me vejo mais em Povoação. Estou desesperado”.

Francisco Benício Loureiro Leão Junior – Povoação / Foto 2: “Jogar basquete assim é fácil”

“A barragem em si é assustadora, mas o que mais me preocupou foi comparar a foz com Bento Rodrigues. Lá, onde tudo começou, o estrago foi visual. A construção física é possível e mais objetiva. Aqui o dano é invisível, só que tão horroroso quanto. Está dentro de cada um. Como reconstruir? Qual o resultado que vamos alcançar? O que a Fundação Renova pensa disso? Que se é invisível, vai passar?”.

Luciana Cerqueira Lima Rodrigues da Cunha – Regência/ Foto 3: “Sobrenatural”

1

2

3

19

506-8 FILM

20

506-8

21

506-8 FILM

19

19A

20

20A

21

21A



 **Escreve pra gente**

“Fui achando que ia ser balela, mas plantou uma sementinha de esperança de podermos voltar a explorar os recursos naturais e cultivar. A mineradora está querendo reparar o seu erro. Está fazendo a parte dela. Lógico que não vai ser da noite para o dia, mas a esperança move o ser humano de continuar sonhando e de que tudo será resolvido”.

Rômulo Barcelos – Areal/ Foto 4: “Esperança”

“Na hora que a gente olha e vê a imensidão daquilo que rompeu, percebemos a grandeza que foi. Quando a gente chegou a Bento Rodrigues, parecia que eu estava lá no dia do rompimento. Gravei um vídeo e no final eu nem conseguia falar. Senti uma coisa muito forte. Paracatu também pegou a gente de surpresa. Teve um momento no carro que minha pressão diminuiu. Eu, Lucas, não vejo uma solução. Não acredito em milagre, por mais que a gente não possa pensar assim. Antes de ir pra lá, eu achava que daqui um tempo tudo ia se resolver. Mas já vai fazer dois anos e não vi nada de concreto que me mostre que eles estão fazendo alguma coisa. Eu não culpo a Fundação e as pessoas que estão se esforçando, porque também depende do Estado, dos órgãos públicos. Vejo as coisas voltando ao normal daqui a 100, 200 anos, mas não tem como recuperar 100%. Isso nunca vai sair da história”.

Lucas Borges Costa Ferreira – Povoação / Foto 5: “Ainda há uma cruz”

“Foi muito pior do que eu vi na TV. Eu achava que estava preparada me colocando no lugar daquelas pessoas, e foi muito ruim. As cenas de destruição de Bento e de Paracatu não saem da minha cabeça. Sabemos que a Fundação Renova existe para reparar, mas as pessoas lá não estão sendo atendidas de imediato. Há uma demora na execução do TTAC. Minha preocupação é que, se lá está demorando, aqui deve estar tudo parado. Precisamos dos laudos sobre a água, e ninguém fala algo concreto. Fica um jogo de empurra, enquanto a gente fica nessa angústia, sem saber se pode comer peixe ou tomar um banho”.

Bruna Cordeiro dos Santos – Regência / Foto 6: “Tristeza”

4

5

6

19

506-8 FILM

20

506-8

21

506-8 FILM

19

19A

20

20A

21

21A



“Eu senti algo bastante diferente daqui. A destruição lá é muito visível e o dano aqui não, mas, em parte, é a mesma coisa. Perdemos nosso rio, mar, lazer e sustento. Vivíamos do turismo e da pesca, e isso acabou. Muitos foram contemplados com o cartão, outros não, e as pessoas estão sofrendo. Lá, você pode construir a cidade em outro lugar. Barra Longa já está restaurada. Mas e o nosso mar? Nossos danos são psicológicos, financeiros. Eu tenho uma loja de açaí e à tarde eu não vendo nem uma bala. Para a mineradora, parece que está tudo bem.... Essa é a minha preocupação”.

Eliá Morais Laurent – Regência / Foto 7: “Jesus cuida dos seus”

“Eu desmoronei. Não tive coragem. Quando vi aquela dimensão da lama, fiquei chocada e desabei. A gente não tem conhecimento da quantidade de lama. E olha que eu não perdi parente. Meus pés saíram do chão. Perguntei se em cima de Germano está totalmente sólido e me disseram que não, mas que estava sendo controlado. Questionei por que não tinham feito o controle de Fundão, e o moço ficou mudo. Eu brigo porque agora eu preciso sobreviver. Nós, que fomos lá, estamos apavorados”.

Rosa Jesus Silva Alves – Povoação

“Gostei muito de participar porque a gente vê de fato o que aconteceu lá em cima. A impressão foi forte porque eu tive a noção real do tamanho da barragem e da dimensão daquilo que desceu. Vimos trechos por onde a lama passou e nos colocamos no lugar dessas pessoas, o desespero que elas passaram. Fui orientada por técnicos que estavam em Paracatu de Baixo que os agricultores atingidos participam de um programa que auxilia no diagnóstico do cuidado da terra, dos animais, da estrutura e da renda utilizando o ISA, que quer dizer Indicador de Salubridade Ambiental. Espero que isso se estenda pra Foz, pois muitos lugares deixam de comprar uma mercadoria que sai da nossa região porque a água do cultivo é diretamente do rio. Acredito que esse diagnóstico serve de auxílio para conhecermos a saúde dos alimentos, por meio do indicador da qualidade da água distribuída, e para tirarmos essa imagem negativa”.

Maini Gomes Dias – Regência/ Foto 8: “Barragem de Fundão”

7

8

9

20

506-8

21

506-8 FILM

19

506-8 FILM

20

20A

21

21A

19

19A



“Foi chocante. Um filme de horror. Fiquei sem ação e reação. Coloquei-me no lugar daquelas pessoas e tive uma sensação de angústia, de revolta. E eu sei que se estivesse lá no dia, a revolta seria muito maior”.

Siomara Barbieri – Regência / Foto 9: “Tristeza”

“A viagem até Mariana me proporcionou muitas ideias. Pude ver a dimensão do ‘buraco’ e foi uma experiência ‘louca’. Tristeza, angústia, impotência, descaso, foram meus sentimentos. Como podemos pagar tão caro por um modelo de desenvolvimento que é imposto e não temos nada como outra opção? Que pode acabar com vidas, destruir culturas, formas de convívio e mudar tudo de um dia pro outro? O que espero é justiça, pois as coisas continuam erradas. Muitos impactados ainda estão desamparados. A empresa não está suprindo as necessidades, e o tempo vai passando. Quase dois anos da catástrofe e como estamos?”.

Lorielly Oliveira – Povoação - Foto 10: “Poluição visual”

“Foi uma desolação. Acho que eles não vão dar conta de consertar isso. Passaram-se dois anos e não fizeram nada. Conversamos com pessoas que eram de Bento Rodrigues, e elas não estão satisfeitas. Imagina aqui que não dá pra ver? Visitamos aquilo chorando. Aquela barragem cheia de trincas que eles estão tentando arrumar, se arrebentar, nem sei o que fazer. A gente não tem noção da imensidão do buraco que é. Nós também vimos um lado positivo, que é o esforço e a estrutura montada para fazer algo em relação a tão grande destruição. Também quero agradecer o carinho com que fomos tratados em Mariana”.

Helenita Souza Teixeira – Regência / Foto 11: “A destruição que não tem jeito”

10

11

20

506-8

21

506-8 FILM

19

506-8 FILM



Rogério Penha da Silva, de Povoação, que também visitou a região de Mariana, não aprovou a publicação de seu depoimento, nem forneceu uma nova versão para o jornal.

20

20A

21

21A

19

19A

RENOVA ESCLARECE

A Fundação Renova recebe visitantes de organizações públicas e privadas, pesquisadores, escolas e comunidades para que conheçam de perto a realidade da região de Mariana até Candonga, após o rompimento de Fundão. A ideia é de que as pessoas tenham a real dimensão dos impactos que ocorreram ali e o que a Renova está fazendo para reparar os danos. Trata-se de um desafio nosso, mas que precisa do protagonismo de várias instituições, órgãos e, claro, de toda a sociedade, no sentido de reconstruir a vida no local de forma participativa. Por isso, opiniões como as publicadas nesta última matéria refletem o que as pessoas sentiram e pensaram quando estavam lá. Algumas questões mencionadas, porém, precisam ser esclarecidas.

- 1.** A barragem de Germano não tem trincas e sua segurança está certificada por uma auditoria externa, independente, que responde ao Ministério Público. Sua estrutura é monitorada 24 horas por dia.
- 2.** Pouco depois da ruptura, a Polícia Militar iniciou a vigilância de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, mas não pôde permanecer todo o tempo nos locais. Infelizmente, entre a saída da Polícia e a definição de como essas áreas seriam protegidas, houve saques nas casas e comércios locais.
- 3.** Segundo o Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), quem vai definir o que será feito nas áreas por onde a lama passou é a própria comunidade atingida. Segundo o documento, a ideia é de que seja criado um tipo de memorial local, por isso, constituiu-se um grupo de trabalho com a Comissão de Atingidos, o Ministério Público e outras organizações para refletir e debater sobre o assunto.
- 4.** A Fundação Renova tem compromissos socioambientais e socioeconômicos em todos os territórios atingidos. Entretanto, muitas ações são complicadas e precisam ser bem discutidas por envolver bastante pessoas e soluções técnicas customizadas para cada desafio. Pode haver uma sensação de demora, mas nada está parado, e a Renova se empenha em resolver as questões o mais breve possível. Um exemplo de ações discutidas e avaliadas junto com as comunidades da Foz refere-se às 14 ações de reparação que estão sendo desenvolvidas na região. Em outubro de 2017, aconteceram ali duas oficinas de capacitação e formação de mão de obra, uma das demandas levantadas pela população.
- 5.** Todos os atingidos de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo moram em casas ou apartamentos escolhidos por eles mesmos. Existe um atendimento permanente e individualizado para atender a pedidos de troca ou adequação das moradias quando isso é solicitado pelos atingidos.

FALE COM A GENTE



0800 031 2303



[fundacaorenova.org/
fale-conosco](http://fundacaorenova.org/fale-conosco)



[instagram.com/
fundacaorenova](https://www.instagram.com/fundacaorenova)



ouvidoria@fundacaorenova.org
faleconosco@fundacaorenova.org



Avenida Bom Jesus,
195 Centro | Mariana



[youtube.com/
fundacaorenova](https://www.youtube.com/fundacaorenova)